



Meios Comunicacionais dos Povos Indígenas Mura: uma análise da página da Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira e Conselho Indígena Mura

Faculdade Boas Novas de Ciências Teológicas Sociais e Biotecnológicas

Bruna Karoliny Santos Campelo¹

Alice Regina Pacó de Souza²

RESUMO

O artigo mostrará, de modo exploratório o contexto histórico, a linguagem e os meios comunicacionais utilizados pelos povos indígenas da etnia Mura, analisando as páginas da Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (COIAB) e do Conselho Indígena Mura (CIM). Este artigo buscou discutir sobre os processos comunicacionais utilizados por estes indígenas, em especial, os Mura, uma etnia milenar que se adaptou às novas tecnologias de comunicação e informação, utilizando ferramentas digitais para quebrar barreiras e garantir seus lugares de fala.

PALAVRAS-CHAVE: povos Mura, indígenas, tecnologia, COIAB, CIM.

ABSTRACT

The article aims to present, in an exploratory way, the historical context, language and media used by indigenous peoples of the Mura ethnic group, analyzing the pages of the Coordination of Indigenous Organizations in the Brazilian Amazon (COIAB) and of the Mura Indigenous Council (CIM). This article sought to discuss the communication processes used by these indigenous people, in particular, the Mura, an ancient ethnic group that has adapted to new communication and information technologies, using digital tools to break barriers and guarantee their places of speech.

KEYWORDS: Mura peoples, indigenous peoples, technology, COIAB, CIM.

¹ Acadêmica do curso de Jornalismo, Faculdade Boas Novas, e-mail: brunakarol.bksc@gmail.com

² Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo, profalicesouza@gmail.com

INTRODUÇÃO

A população dos Mura, por serem de ampla mobilidade, ainda não foi computada por completo, de acordo com o censo 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), nem mesmo pelas aldeias e nem nos centros urbanos, onde também são encontrados. Existem situações que dificultam a contagem, como as demarcações que ainda não foram finalizadas.

Esta etnia tem sua subsistência dividida em atividades de trabalho e comércio, com vários ramos. Os Muras dispõem originalmente de uma língua isolada, porém, por necessidades de melhorar a comunicação com as demais populações, passaram a utilizar o *Nheengatú*, considerada a língua geral amazônica.

Interessa ao presente artigo denotar os aspectos que influenciaram a adaptação a uma linguagem, a utilização de redes sociais para explanar suas tradições e costumes, assim como suas lutas diárias como forma de resistência, criando assim uma página na plataforma *Facebook* da Coordenação Organizacional de Indígenas da Amazônia Brasileira e Conselho Índigena Mura, permitindo expandir cada vez mais suas relações com outros usuários da web, assim como divulgar outros aspectos socioculturais, por meio de processos utilizados para comunicação, bem como os traços que caracterizam a variedade linguística praticada pelos mesmos e os meios comunicacionais utilizados para a tentativa de explorar e viabilizar suas culturas e tradições como forma de resistência.

1 ÍNDIGENAS MURA NO BRASIL

Os indígenas em solo brasileiro abrangem uma vasta diversidade de povos que habitam esse território há muito tempo, até antes da chegada europeia. Após o contato com os europeus, indígenas tiveram de se adaptar culturalmente e socialmente, porém não escaparam de serem utilizados para trabalho escravo, e conseqüentemente, uma parte desses povos foi extinta.

Após a colonização, a perspectiva de vida desses povos foi brutalmente interrompida e modificada com a ação do homem, na tentativa de catequizá-los e impor costumes. Com uma carga cheia de violência, escravidão e a chegada de doenças, esses eventos influenciaram para uma catástrofe demográfica da população indígena e, com isso, acarretando dali em diante, mudanças comportamentais, comunicacionais e culturais.

Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), os direitos destes indígenas estão assegurados desde a criação da Declaração dos Povos Indígenas (2007), este documento contém as obrigações do Estado e aborda os direitos individuais e coletivos.

O documento cria uma classificação também de terras para os nativos, de acordo com a Constituição Federal de 1988, no art. 231 é de direito originário dos povos indígenas, cujo processo de demarcação é disciplinado pelo Decreto n.º 1775/96:

Reserva Indígenas: São terras que a União oferece aos indígenas, o uso da terra é exclusivamente dos povos indígenas; Terras Dominiais: São terras de propriedades indígenas adquiridas de forma vigente a constituição; Interditadas: Terras que a Fundação Nacional do Índio (Funai) interdita para a proteção dos povos indígenas isolados. (BRASIL, 1996).

Segundo a Fundação Nacional do Índio (Funai), existem 305 povos indígenas atualmente no Brasil, totalizando apenas 0,4% da população. O governo reconheceu 690 territórios para a população indígena, e quase todas encontram-se na Amazônia.

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) censo de 2010, na Amazônia vivem cerca de 306 mil indígenas. Os povos foram se multiplicando com o passar dos anos e, assim, foi realizada a construção de complexas redes linguísticas, sociais e políticas.

A etnia Mura é uma das que mais sofreram com as implantações jesuítas na metade do século XVIII. De acordo com Nimuendaju (1925) os Muras, desempenharam um papel estratégico na viabilização do projeto colonial português, que determinou o desaparecimento e descaracterização de diversos povos indígenas. Ainda segundo o autor, os Muras são a etnia que ocupou o maior espaço territorial sendo originário da região compreendida pelo baixo Amazonas, Solimões, Madeira, Autazes, Baetas, Marmelos, Matuará, Aripuanã e Canumã. Possui familiaridade com os Pirahã, indígenas de descendência direta dos Mura, com sua linguagem e cultura, semelhança física e até mesmo todo modo organizacional.

Conforme Pequeno (2006) os Mura, marcados por seus traços guerreiros são conhecidos por ataques e emboscadas, tornaram-se mais visíveis na história colonial da Amazônia, por sua resistência à implantação da colonização em seu território.

Embora houvesse resistência em relação à entrada de estrangeiros em suas terras, os Muras permitiram, em determinado momento, o acesso dos Jesuítas a sua comunidade, o que resultou na implantação de educação e saúde aos indígenas, “Em 1999 surgiu um outro programa FUNASA/COIAB, que contratou uma pessoa da aldeia para trabalhar com prevenção da saúde e também encaminhar pacientes para o hospital” conforme destacam Barbosa e Ribeiro (2008, p. 353)

Na bibliografia etnográfica, os indígenas Muras ficaram conhecidos como “corsários do caminho fluvial”. Viviam em suas próprias canoas, como se fossem suas casas, e se destacavam na resistência à ocupação pelos não índios. (PEQUENO, 2006). Dessa forma os indígenas procuravam estabelecer suas canoas próximas das várzeas dos rios como o

Solimões, Rio Negro, Japurá, Amazonas, do Madeira e seus afluentes, para, principalmente, assegurar o deslocamento e estabelecimento de sua canoa/moradia e onde garantissem sua caça e pesca.

Eles utilizavam canoas, barcos, rabetas, voadeiras (espécie de embarcação movida a motor), e outros tipos de meios de transportes fluviais para locomover-se até cidades próximas. A partir dessas embarcações construía suas moradias não-fixas, usavam árvores como sustentação, porém com o passar dos anos, as casas, que antes eram feitas canoas, modificaram-se para habitações de tapiri.

[...] Passaram a morar em tapiris, cobertos de palha preta ou branca. O tapiri apresentava uma arquitetura em formato retangular. Tinha apenas duas portas, uma na frente e outra atrás. Com o tempo, passaram a cobrir os tapiris somente com palha branca. (NETO, 2008, p. 37).

Os Muras combinam atividades de naturezas diversas para garantir seu sustento, as atividades são divididas das seguintes formas: os homens adentram na mata em busca de madeira, são auxiliados por jovens e crianças nas demais tarefas; crianças e mulheres abastecem de peixe as refeições diárias que tinham como base alimentar, os peixes e frutos do cultivo na plantação.

Na Amazônia é comum existir “roçados”, lugares onde a vegetação é derrubada e cortada para o cultivo. Roçado para plantio da mandioca, por exemplo, é de suma importância para os indígenas da comunidade, pois a partir dela é produzida, manualmente, a farinha. Esta, por sua vez, gerava auto sustento para as famílias que também levavam a mercadoria até as comunidades próximas, com intuito de trocar por outro produto, ou pagar dívidas com comerciantes. Rodrigues e Santos destacam ainda que, “além da atividade da roça, as famílias também plantavam juta, malva, melancia, banana, milho e outros produtos; alguns plantados na várzea, outros na terra firme.

Além do roçado, o extrativismo animal e vegetal, é uma atividade praticada pelos indígenas na comunidade. Peixes, de diversas variedades, animais e frutos como castanha, tucumã, piquiá são extraídos para consumo próprio e, em algumas situações, para venda. As onças, jacarés, peixes-boi além de outros animais de caça são consumidos e, até a pele era usada para comercialização. Filgueira e Vieira ressaltam ainda que, “antigamente as pessoas pescavam somente para comer, hoje pescam também para vender. Existem pessoas na Aldeia que sobrevive somente de pesca e da caça.

Em algumas aldeias, os moradores costumam comprar seus produtos de consumo diário como vestimenta, material de higiene pessoal e ferramentas dos próprios comerciantes

nas aldeias, já outros moradores dedicam-se a criações de bovinos, suínos, aves e ovinos, para comércio e consumo.

Muitos ao chegarem às áreas urbanas lidam com condições insalubres e inseguras, além do tráfico e outros tipos de violência, no qual se chocam com seus costumes e valores.

Atualmente, os muras encontram-se espalhados em extensas proporções das mesmas regiões hídricas, dispersos em mais de 35 terras indígenas distribuídas em municípios pertencentes ao baixo Amazonas segundo o site Povos Indígenas no Brasil (pib.socioambiental).

Espaços urbanos, tais como a capital Manaus e outras sedes, registram a existência de bairros quase exclusivamente ocupados por populações Mura. Esta quantidade de nativos imigrantes teve de se adaptar e conviver em um meio ainda não comum para eles. Entretanto, viver numa área urbana, mesmo com os perigos da capital, permite que os Muras possam usufruir de grandes oportunidades.

2 ATO DE COMUNICAR-SE NAS ALDEIAS MURA

Para poder desenvolver o aspecto do ato “comunicar”, é necessário enfatizar que a comunicação começou a partir da era pré-histórica, na qual culminou nas diversas formas de linguagem verbal e não verbal nos dias atuais. Visto que a fala só foi possível mediante ao processo progressivo da sociedade, a linguagem marcada nas paredes da história serve para nos mostrar que mesmo sem palavras, a comunicação, naquele tempo, já denotava compreensão.

Entretanto, apesar dos novos meios de comunicação terem evoluído, o domínio pela leitura e escrita dentro da aldeia Mura só foi possível tempos depois, isso porque eles tinham o seu próprio saber, sua própria leitura de mundo e vida humana.

Segundo Nimuendaju (1925) a língua falada pelo sub-grupo dos Muras, os Pirahã foi a *Apeitsiiso*, utilizada com tonalidade mais forte, como assobiar e gritar podendo assim, se comunicar entre si até mesmo a longa distância, outro exemplo do ato de comunicação eram os cortes feitos nas árvores, animais espetados em varas, remendar animais, bater em árvores sapopemas³, indicando que pessoas da mesma etnia estavam por perto, também usufruíam de sua linguagem, o Nheengatu.

³ Samaúma (Ceiba pentandra (L.) Gaertn) pertencem a família bombacaceae. Na natureza pode atingir até 60 metros de altura e 3 metros de diâmetro e suas raízes são grandes. Comumente encontrada em áreas alagadas como por exemplo em várzeas na Amazônia. Escola Britannica (Digital Learning). Disponível em: <https://escola.britannica.com.br/artigo/sapopema/483550> Acesso em: 24 de nov. de 2021.

Esta surgiu através do contato de diversas línguas, como de populações indígenas, negros e brancos, desde o século XIII. Ela foi organizada a partir da família linguística Tupi-Guarani, desse modo, adquirindo um vocabulário único.

Algumas palavras da língua nheengatu identificadas na aldeia junto aos velhos foram *yawara*, que quer dizer [...] cachorro; *puxuera*, que quer dizer feio; *puranga*, que quer dizer bonito; *kunhatãi*, que quer dizer menina; *tatá*, que quer dizer fogo, [...] entre outras. (RODRIGUES, SANTOS, 2008, p.99)

A língua nheengatu quer dizer “língua geral” ou “fala boa”, ela é observada com frequência, em ambiente doméstico entre os indígenas e é usada na comunicação. Além desta linguagem, construía, a partir do bambu, buzinas para assoprar e transmitir mensagens aos outros integrantes de aldeias.

Os Mura também, criaram um próprio modo de falar, de acordo com Rodrigues (2008) era um dialeto tanto falado por indígenas jovens, quanto os mais antigos. Alguns termos são: preparar, que é pronunciado preparar; procurar, pronunciam “percurar”; então, pronunciado como “antão”; almoço, “armoço”; alguns, “arguns” e outras variantes do português.

Atualmente, a linguagem dentro das comunidades passa por mudanças, não excluindo totalmente a forma de expressão dos indígenas, contudo, variando o ato de comunicar. A língua falada pelos Mura nos dias atuais é o português, de modo que ainda possuam o seu próprio jeito de falar, somente os mais velhos ainda falam poucas palavras na língua pertencente a eles no passado, utilizando “modas” interpretadas como conversação.

A comunicação por meio de cartas, bilhetes, recados, telefone também fazem parte na nova forma de expressão, assim como a televisão, o rádio e a internet passaram a ser introduzidos na aldeia, levando informação e influenciando na cultura dos Mura. Essas primeiras introduções tecnológicas foram suficientes para suscitar novos hábitos, exemplo disso é a preferência por ouvir músicas no rádio, ao invés dos próprios instrumentos musicais que acabaram sendo deixados de lado.

Para se comunicar, mandavam e recebiam mensagens usando os mais diferentes meios. E dessa forma, todos se compreendiam. Não tinham nenhum recurso tecnológico como nos dias de hoje. (SANTOS, 2008, p. 351)

De certo modo, houve uma nova construção nos costumes e valores dos habitantes da aldeia. A facilidade à comunicação e à informação gerou um novo estilo de vida. O entendimento da luta e resistência por seus direitos de igualdade, tanto em educação, saúde,

território, dentre outros, deu-se no tocante à comunicação e à internet como um meio de expor ainda mais seus costumes, tradições, ações sociais e lutas pelos direitos dos povos originários.

No atual patamar em que se encontra a sociedade, já denominada de sociedade em rede devido a sua (quase) total dependência das novas tecnologias da comunicação e informação (TICs⁴), os novos direitos são tidos como fundamentais e novas formas de tutelá-los são exigidas. (OLIVEIRA, RAMINELLI, 2014, p. 160)

As TICs vem sendo usufruídas para fins organizacionais e de comunicação, com isso, atualmente várias organizações indígenas utilizam essas novas tecnologias para viabilizar expressões e visualizações de suas lutas como forma de resistência, não somente cultural, mas também como uma forma de promover a proteção de direitos desses povos e suas comunidades.

Tavares (2012, p.8) revela os resultados de uma pesquisa sobre a presença indígena na internet, em seus dados apontou que os primeiros registros ocorreram em 2001, “essa pesquisa apontou 37 sites no ano de 2007 e essa participação se expandiu, incluindo a criação de blogs, comunidades virtuais, rádios comunitárias e portais”

O Centro de Inclusão Digital Indígena (CIDI) é uma instituição sem fins lucrativos que contribui para a conectividade dos povos indígenas, facilitando assim, a acessibilidade com a tecnologia, oferecendo cursos de informática. O CIDI recebe equipamentos novos e usados que passam por uma manutenção e são encaminhados para as comunidades indígenas.

A internet tem tido um papel importante, tornando-se um meio de comunicação fundamental, com a presença de indígenas em redes sociais, essa acessibilidade vem viabilizando, como exemplo seus costumes e tradições, como forma de resistência destes povos. Segundo BUENO:

O Web Indígena é o primeiro site totalmente em língua indígena no Brasil, que foi criado pela comunidade *Kaingang*, situada da região metropolitana de Porto Alegre (RS), para trocar informações, postar notícias, se comunicar e preservar a língua materna. Esse povo indígena está usando sua língua, o *Kaingang*, para trocar informações na internet (e não só os conteúdos, mas boa parte da interface está em língua *kaingan*).

Essa conectividade é usada não apenas para a comunicação, mas também, para denúncias às autoridades por invasões em seus territórios e dando voz aos povos que vivem na floresta e, com isso, estendendo relações com outras comunidades, atingindo a públicos dentro e fora do Brasil, rompendo as barreiras que muitos povos ainda tem nas mídias tradicionais.

⁴ TICs: Tecnologias da Informação e Comunicação se referem a todos os meios técnicos integrados entre si através de tecnologias, proporcionam a automação e comunicação dos processos de negócios, da pesquisa científica e contribui para uma melhor informação.

Atualmente outros povos já fazem o uso das mídias sociais e têm acesso à internet como a indígena Cunhã Poranga Tatuyo (@cunhaporanga_oficial). Seu estrelismo veio à tona quando, durante a pandemia do novo Coronavírus - Covid 19 em 2020, sua aldeia de acesso fluvial, deixou de receber visitantes, ela então produziu um vídeo que viralizou nas redes, em que ela come larvas. Após esse vídeo Maíra Tatuyo atingiu 6 milhões de seguidores em uma plataforma que permite edições de vídeos curtos, a indígena foi também destaque em uma matéria publicada na página do *The Washington Post* no Instagram⁵.

Figura 01



Fonte: *Print* da Matéria na Plataforma Instagram

Figura 02



Fonte: *Print* da Matéria na Plataforma Instagram

Entre os povos Mura, poucos ainda são vistos utilizando essas ferramentas, entretanto, existem alguns, como a indígena Márcia Mura que é professora de história, e atualmente utiliza também as redes sociais, principalmente o Instagram, para registrar e divulgar suas lutas diárias e resistência para com seu povo Mura. Com mil novecentos e noventa e quatro seguidores, ela consegue mostrar sua cultura, tradições, costumes, assim como sua luta pelos direitos dos indígenas de outras etnias. Márcia é educadora do Estado do Amazonas e foi removida de uma escola ribeirinha por “insistir na temática indígena”, ela publicou em seu perfil duas fotografias sobre sua retirada da sala de aula. Para o Sindicato dos Trabalhadores da Educação de Rondônia

⁵ Disponível em: https://www.instagram.com/p/CT7onsfJoNg/?utm_medium=copy_link

tudo isso foi visto como indício de perseguição, de acordo com o relatório circunstanciado que foi publicado no site Agência Pública⁶, a pesquisadora relatou sobre o ocorrido em sua conta no Instagram:

“Fiz muitas atividades transdisciplinares em sala de aula, pois sempre trabalhei partindo da perspectiva indígena sim, dialogando a partir do local para entender o global, entendendo que um não está desligado do outro” (Márcia MURA, Instagram 2021).

3 ANÁLISE DAS PÁGINAS DA COORDENAÇÃO DAS ORGANIZAÇÕES INDÍGENAS DA AMAZÔNIA BRASILEIRA E CONSELHO INDÍGENA MURA

Este capítulo será realizado uma análise de conteúdo e multimídias da página da Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira - COIAB⁷ e Conselho Indígena Mura - CIM⁸, observando seus elementos jornalísticos, e como todo esse processo contribui para novas formas de disseminação de informações em tempo real, viabilizando sobre questões vulneráveis que os indígenas enfrentam e suas lutas frequentes, expandindo relações com outros usuários que buscam a informação de forma cada dia mais instantânea.

A consolidação do movimento indígena organizado e as perspectivas de futuro de povos indígenas do Brasil se fortaleceram mais a partir da década de 90, tendo a COIAB um papel importante nesse cenário, tanto a nível regional, como nacional. Estima-se que em 1985 havia no Brasil menos de 50 organizações indígenas de acordo com o Projeto Demonstrativo dos Povos Indígenas - PDPI⁹

A Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia foi criada através de reuniões de líderes Indígenas em 19 de Abril de 1989. A COIAB¹⁰ é uma associação de direito privado, sem fins lucrativos, sem vinculação político-partidário, nem distinção de credo, povo, classe, orientação sexual e gênero.

⁶ A Agência Pública é uma agência de jornalismo investigativo independente e sem fins lucrativos. Foi fundada em 2011 pelas repórteres Marina Amaral, Natalia Viana e Tatiana Merlino

⁷ Disponível em: https://www.facebook.com/coiabamazoniaoficial/?ref=page_internal

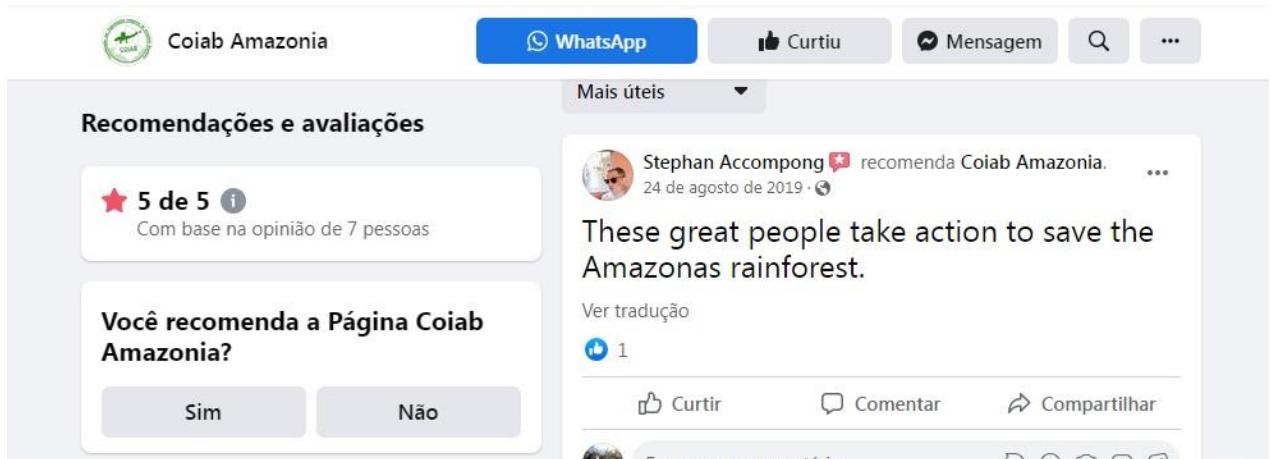
⁸ Disponível em: <https://www.facebook.com/Conselho-ind%C3%ADgena-Mura-CIM-109140877915853/>

⁹ Disponível em: <https://antigo.mma.gov.br/apoio-a-projetos/povos-ind%C3%ADgenas.html>

¹⁰ Em Manaus, sua sede é localizada na Avenida Ayrão, 235, Presidente Vargas, Manaus Amazonas. Dados disponíveis em: <https://coiab.org.br/quemsomos>.

A página da COIAB foi criada no dia 20 de Agosto de 2017 às 18:11, atualmente com 10.049 curtidas e 12.020 seguidores. 357 realizaram “check- in” na página, tem 5 avaliações de 7 pessoas.

Figura 03



Fonte: *Print* da página do Facebook Coiab Amazônia.

Entre as multimídias utilizadas, existem três mais predominantes: as imagens com alta qualidade feitas por câmeras fotográficas profissionais, vídeos e *lives*. A página também conta com boletins em formato de vídeo o “Minuto COIAB” e o “COIAB Informa” que traz informativos sobre o balanço semanal dos principais assuntos e ações do movimento indígena frente à pandemia do novo Coronavírus (Covid-19).

Figura 04



Fonte: *Print* da página do Facebook Coiab Amazônia

As publicações na linha do tempo seguem o formato de textos para a web e tratam sobre narrativas indígenas, com legendas nas imagens, e mais de dez eventos organizados pela página, sendo os cinco últimos de maneira remota (online).

A COIAB conta com a equipe de assessoria - ASCOM¹¹ para a produção de conteúdo da página, existe um agrupamento significativo de fotografias, sendo em arquivos de dispositivos móveis contendo 809 fotos, 1.952 itens de fotos na linha do tempo, 12 itens em capa, 1.111 fotos vinculadas com o Instagram, 65 itens de fotos da XII Assembleia Ordinária da COIAB, 23 itens da Oficina de Monitoramento Territorial e Ambiental- TI Awa/2019, 10 itens da visita do Embaixador da Noruega, 5 e um itens dos Retratos XI COIAB com a descrição “ A diversidade dos povos indígenas que participaram da Assembleia da COIAB”, fotos feitas por Flay Guajarara e Mayra Wapichana, apenas 1 álbum sem título e descrição contendo 1 foto, e por fim 2 imagens que foram utilizadas no perfil da página.

¹¹comunicacao@coiab.org.br

Figura 05



Fonte: *Print* do álbum de fotografias da página Coiab Amazônia.

O Conselho Indígena Mura (CIM) atua há mais de 30 anos em defesa dos direitos do Povo Mura. A sede do CIM fica localizada no Município de Autazes – Amazonas. De acordo com suas lideranças e organizações, os Mura repudiam as tentativas de violação aos direitos constitucionais dos povos originários.

Nós temos nossa própria organização social: vivemos nas nossas aldeias, e não temos um “cacique geral que manda em todo mundo”. Cada aldeia tem suas lideranças, e estas lideranças tradicionais, que chamamos de tuxauas. (LIMA, FILGUEIRA, OLIVEIRA, 2019, p. 9)

Os tuxauas são considerados líderes e têm o papel de organizar a comunidade para tomar decisões em coletivo. O atual líder José Claudio Mura também é responsável em produzir os conteúdos para a página do CIM.

A página do Conselho Indígena Mura foi criada em 14 de março de 2021, na categoria: produtos/serviços, com o tema Terra, Desenvolvimento e Cultura, a página tem 433 pessoas seguindo, 420 curtidas. Na página foram publicadas fotos de um marco para o Conselho Indígena Mura em 30 anos de existência, evento que promoveu o primeiro encontro de Tuxauas.

Figura 06



Fonte: *Print* da página do Conselho Indígena Mura ¹²

A página do Conselho Indígena Mura tem um agrupamento significativo de fotografias, é a mídia predominante da mesma, com imagens de reuniões, assembleias, ações sociais nas aldeias, preservando suas culturas tradições, itens identificando toda a passagem por aldeias através de um meio de veículo fluvial, imagens de trabalhos voluntários feitos em comunidades compostas por indígenas Mura em defesa de seu povo. Tem 124 quatro itens em arquivos de dispositivos móveis, 3 fotografias usadas no perfil da página, 2 para a capa e um vídeo publicado no dia 28 de março de 2021, que mostra a aldeia de Paracuuba e tem a duração de 18 segundos, com narrativa que complementa a mídia, sendo satisfatória para compreensão do vídeo.

Ambas as páginas estão presentes na plataforma do *Facebook*, apresentam formato de conteúdo para a web, preenchem os formatos de multimídia, elementos estes que contribuem para a repercussão das páginas na mídia web. As páginas também possuem elementos narrativos possibilitando um espaço de comunicação e informação maior aos povos.

¹² Disponível em:

https://www.facebook.com/Conselho-ind%C3%ADgena-Mura-CIM-109140877915853/?ref=page_internal

CONSIDERAÇÕES

A construção de uma análise sobre quaisquer aspectos de um determinado grupo, gera um olhar mais observador para os principais pontos a serem abordados no decorrer do artigo. A diversidade de informações por meio de livros, teses, artigos, vídeos e etc., nos permite abranger nossas pesquisas e possibilitar novas reflexões a partir de possíveis ideias construídas ao decorrer da produção deste artigo.

O propósito de estudar sobre o tema em questão ocorreu devido à falta de dados a respeito da etnia Mura, povos estes que lutam por seus direitos e por espaço na sociedade. Neste artigo é enfatizado não somente quem são, mas a sua história, reforçando a importância de suas lutas até os dias atuais e sua inclusão ao universo digital.

Mesmo com toda resistência e registros em sua trajetória, houve grande dificuldade em encontrar informações concretas, o que representou um desafio. Contudo, isso gerou uma motivação ainda maior pela oportunidade de abrir um espaço de discussão que pode dar a voz e o lugar que pertence originalmente a eles, por direito.

Este artigo buscou discutir sobre os processos comunicacionais utilizados por estes indígenas, em especial, os Mura, uma etnia milenar que se adaptou às novas tecnologias de comunicação e informação, utilizando ferramentas digitais e quebrando barreiras. Espera-se que este trabalho possa contribuir para os estudos e pesquisas envolvendo esse povo, e abrir espaço para que os indígenas possam, cada vez mais, ter seu próprio lugar de fala e assim, retratar a nossa cultura e nossa história em todos os meios possíveis, inclusive, o virtual. Esses registros presentes nas redes sociais são de extrema importância, pois carregam nossas raízes e mostram como os povos indígenas têm se adaptado às mudanças e aos avanços tecnológicos.

REFERÊNCIAS

Agência Pública de Jornalismo Investigativo. (Site). Disponível em: <<https://apublica.org/2021/10/professora-e-removida-de-escola-publica-por-insistir-na-tematica-indigena/>>. Acesso em: 23 de nov. 2021.

BRASIL, Decreto n.º 1775, de 8 de janeiro de 1996. Dispõe sobre o procedimento administrativo de demarcação das terras indígenas e dá outras providências. São Paulo, 1996.

Brasil, Notícias do. **Comunidades indígenas usam internet e redes sociais para divulgar sua cultura.** Aldeia Global, p.15, 2013. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252013000200006>. Acesso em 23 de nov. 2021.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo 2010: população indígena é de 896,9 mil, tem 305 etnias e fala 274 idiomas. 2010.** Disponível em: <<https://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo?busca=1&id=3&idnoticia=2194&t=censo-2010-poblacao-indigena-896-9-mil-tem-305-etnias-fala-274&view=noticia>>. Acesso em: 26 de fev. de 2021.

COIAB. Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira. (Site). Disponível em: <https://coiab.org.br/>. Acesso em 20, mai. 2022.

ONU. **Declaração das Nações Unidas sobre os Direitos dos Povos Indígenas.** Assembleia Geral. Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <https://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/portugues/BDL/Declaracao_das_Nacoes_Unidas_sobre_os_Direitos_dos_Povos_Indigenas.pdf>. Acesso em 24 de fev. de 2021.

CANAL TI, 2017. Disponível em: <<https://www.canalti.com.br/tecnologia-da-informacao/tics-tecnologias-da-informacao-e-comunicacao/>>. Acesso em 21 de nov. 2021.

LIMA, FILGUEIRA, OLIVEIRA ... [et all] 2019, **Trincheiras: Yandé Peara Mura, Protocolo de Consulta e Consentimento do Povo Indígena Mura de Autazes e Careiro da Várzea, Amazonas. Nossa defesa do Povo Mura de Autazes e Careiro da Várzea.** Disponível em: <<http://direitosocioambiental.org/wp-content/uploads/2020/08/protocolo-de-consulta-povo-mura.pdf>>. Acesso em 20 de nov. de 2021.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. **Projeto Demonstrativo dos Povos Indígenas – PDPI** Disponível em: <<https://antigo.mma.gov.br/apoio-a-projetos/povos-ind%C3%ADgenas.html>>. Acesso em 20, mai.2022.

MODERNIDADE Sapopema. In: **BRITANNICA, Enciclopédia Escolar.** Ministério da Educação (Digital Learning). Disponível em: <<https://escola.britannica.com.br/artigo/sapopema/483550>>. Acesso em: 24 de nov. de 2021.

MURA. **Povos indígenas no Brasil.** 2009. Disponível em: <<https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Mura>>. Acesso em: 18 de nov. 2021.

NETO, Alderico Vieira ... [et all]. **Aldeias Indígenas Mura.** Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas. 2008.

NIMUENDAJÚ, Curt Unkel.. **As Tribos do Alto Madeira.** In: Journal de la Société des Americanistes. Vol. 17. Paris, 1925.

OLIVEIRA, RAMINELLI,2014, P.160, Disponível em: <<https://peiodicos.ufsc.br/index.php/sequencia/article/view/2177-7055.2014v35n69p159/28387>>. Acesso em 20, mai. De 2022.

Página Oficial **COIAB**, Disponível em: <<https://www.facebook.com/coiabamazoniaoficial/>>. Acesso em 20, mai. 2022.

Página Oficial **CIM**, Disponível em: <https://www.facebook.com/Conselho-ind%C3%ADgena-Mura-CIM-109140877915853/?ref=page_internal>. Acesso em 20, mai. 2022.

PEQUENO, Eliane da Silva Souza. **Mura, guardiões do caminho fluvial.** 2006. Disponível em: www.funai.gov.br/arquivos/conteudo/cogedi/pdf/Revista-Estudos-e-PEQUENO.Pesquisas/revistas_estudos_pesquisas_v3_n1_2/05_Mura_guardiões_do_caminho_fluvial_Eline%20Pequeno.pdf>. Acesso em: 20 de nov. de 2021.

TAVARES, P. Ciber – informações nativas: a difusão da informação em cibermeios de autoria de povos de indígenas, 2012 <https://www.revista.usp.br/alterjor/article/view/88250>. Acesso em 20 de nov. de 2021.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **WHO Coronavirus Disease (COVID-19) Dashboard.**
Disponível em: <https://covid19.who.int/>. Acesso em 20 de dez. de 2020.